

**REPRESENTAÇÕES SOBRE UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO
DEMOGRÁFICA: EXPERIÊNCIAS DE NOVOS MORADORES EM
FLORIANÓPOLIS (1970 – 2000).**

RAFAEL DAMACENO DIAS*

A América Latina vivenciou entre 1930 e 1990 profundas transformações demográficas e urbanas que ocasionaram que ela adquirisse uma feição bastante diferente daquela que possuía até então. Sua população, elevada em mais de quatro vezes, passou de cerca de 110 milhões para aproximadamente 450 milhões de pessoas. Esse aumento relacionou-se em grande parte com a diminuição da mortalidade, em função da melhoria dos padrões vitais e de campanhas de saúde pública, e com o aumento da taxa de natalidade. Ele obedeceu ainda certa lógica: a população urbana cresceu de forma muito mais acentuada do que a população rural. No período de 1930 a 1980 ela aumentou mais de dez vezes, em 1940 ela correspondia a 37,4% do total da população latino americana, e em 1980 esse percentual subiu para 69,5%. A causa principal do crescimento populacional das cidades foi o êxodo rural ocasionado em grande medida com o aumento do desemprego no campo em função da introdução de novas técnicas agrícolas que utilizavam menor número de trabalhadores. Além disso, relacionado com um contexto internacional de crise econômica (Depressão de 1929) desencadeou-se um processo de substituição de importações nos países capitalistas periféricos, com a criação de novas indústrias levando a abertura de novos postos de trabalho em um setor que para muitos dos migrantes representava uma alternativa de labor menos árdua do que aqueles por eles enfrentados no meio rural (MERRICK, 1997).

Parte dos resultados da dinâmica que levou ao crescimento populacional urbano pode ser observada em alguns dados numéricos. As cidades com população menor a 100 mil habitantes tiveram sua participação no total da população latino americana pouco variada no período: em 1940 elas albergavam 20,0% da população urbana, e em 1980 passaram a reunir 23,5%. No caso da população residente em metrópoles, em

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista Capes. Email: rafaeldiario@yahoo.com.br.

1940 residiam em sua área 13,1% da população urbana e, em 1980, o número de moradores elevou-se para 27,2%. A maior variação nesse período aconteceu no percentual integrado pelas cidades médias no ano de 1940 elas eram responsáveis por agregar 4,3% da população urbana, e em 1980, esse percentual elevou-se para 19,0% (Oliveira, 1997). O caso brasileiro, seguiu a tendência apontada para o conjunto dos países da América Latina. Levando-se em conta as cidades com número entre 20 e 500 mil habitantes, em 1950 elas agrupavam sete milhões de pessoas e no ano de 1980 passaram a agrupar 38 milhões (SANTOS, 1993). No que concernem as cidades médias brasileiras havia em 1940 no país 16 cidades médias, elevando-se seu número para 182 no ano de 1980 (SANTOS, 1993). Em relação ao período compreendido entre os anos de 1970 e 1996, a população residente nas cidades médias passou de 9% para 14% do total da população brasileira (ANDRADE; SANTOS; SERRA, 2000).

No computo geral do desenvolvimento histórico que levou aumento da população residente em cidades no Brasil o êxodo rural sem dúvida teve o maior peso. Todavia, é possível considerar outras dinâmicas migracionais relacionadas ao processo de urbanização brasileiro que também foram importantes devido aos impactos econômicos, culturais e sociais que ocasionaram. Dentre eles destacam-se o deslocamento de migrantes de pequenas cidades para aquelas de médio e grande porte, a migração de pessoas de grandes centros urbanos para cidades de menor porte e a chegada ao país de imigrantes internacionais (mesmo que em menor número comparativamente ao século XIX). Os motivos que levaram ao desenvolvimento dessas migrações foram diversos como, por exemplo, idosos em busca de cidades com instituições de assistência médica especializada, pessoas que migraram em busca de qualidade ambiental ou então na procura por melhores oportunidades de emprego. Um exemplo de uma cidade brasileira que foi destino para contingentes migratórios com diferentes motivações foi Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, localizada na região Sul do território brasileiro, constituída por uma porção continental de 12,10 km² (2,70%) e uma porção insular de 438,90 km² (97,30%).

Tensões socioculturais

Existiu uma parcela de migrantes que chegaram a Florianópolis no decorrer do século XX, advindos de grandes centros urbanos e que foram atraídos por oportunidades empregatícias no serviço público com a criação de universidades, fundações, institutos, empresas e órgãos públicos na cidade. Eles têm recebido atenção de pesquisadores devido aos impactos sociais que teriam causado em função de serem possuidores de elevado capital cultural e econômico. Quanto a esses impactos, Marcon apresenta a importância econômica de migrantes que chegaram à cidade em função da instalação de empresas criadas durante o regime militar como foi o caso da Eletrosul Centrais Elétricas que num período de um ano (1976-1977) trouxe para a cidade 600 famílias cujos funcionários possuíam renda superior a média da cidade (MARCON 2000). Na década de 1980 e 1990, pesquisadores como Falcão e Guerini, indicam que existiu um contingente importante de novos moradores, com alto poder aquisitivo, que se transferiu para Florianópolis atraídos pelos concursos públicos abertos durante a expansão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (FALCÃO, 2005). Por fim, Alves e Baeninger apresentam dados que mostram que os migrantes que chegaram à cidade no ano de 2000 perfaziam uma renda superior a média local.

Entretanto, para além dos resultados econômicos dessa migração para a cidade, também foi de grande importância seu impacto simbólico na cidade. É possível vislumbrar que ocorreram tensões socioculturais entre os migrantes e os antigos residentes, principalmente naqueles possuidores de capital simbólico semelhante ao dos migrantes e que antes de sua chegada ocupavam posição simbólica privilegiada e hegemônica na cidade. Pode-se perceber que em função dos migrantes possuírem um acréscimo simbólico ao seu capital global dado por sua trajetória vital constituída em grandes centros urbanos, eles tenderam a ofuscar a posição simbólica das camadas médias locais. Levando-se em conta as contribuições de Barth, autor que considera que as identidades emergem inextricavelmente articuladas a contrastes (BARTH, 1997), é possível vislumbrar que essas tensões levaram a construção de fronteiras identitárias a partir da criação de disposições que estruturaram as relações sociais entre novos e antigos moradores. Tais disposições tiveram o intuito de delimitar por meio de prescrições os campos sociais e simbólicos em que as negociações entre os grupos

poderiam acontecer, e isolar por meio de proscições os campos considerados de ocupação exclusiva por cada um dos grupos como forma de resguardar as referências consideradas inquestionáveis.

O impacto dos novos moradores advindos de grandes centros urbanos ganha maior relevo quando se nota que Florianópolis até a década de 1960 possuía uma feição em que a maior parte de suas sociabilidades desenrolavam-se pautadas por referências nela existentes desde longa data. Essa situação deveu-se, sobretudo, a um certo isolamento da cidade com relação aos grandes centros urbanos brasileiros o que pode ser vislumbrado no fato de que foi apenas no ano de 1971 que a rodovia BR 101, principal ligação do litoral catarinense com outros Estados, foi pavimentada.

Concomitante a presença de novos moradores na cidade e, em parte, relacionado com sua presença, a cidade vivenciou um conjunto de transformações que alteraram alguns de seus traços culturais. Data da segunda metade do século XX, de acordo com Pereira (s/d) um processo de perda de elementos peculiares como, por exemplo, a Ratoeira (canto popular) e a Renda de Bilro (artesanato) que teriam sido sobrepujadas por outras formas culturais mais valorizadas na cidade (PEREIRA, 19-). Destaque-se ainda que a partir da década de 1970 criaram-se projetos pretenderam explorar o potencial turístico da cidade e que quando implementados vieram acompanhados da poluição de praias, invasão de manguezais e da alteração de modos de viver de parte dos antigos moradores. Acrescenta-se a isso o processo de reconstrução de espaços citadinos em face da especulação imobiliária e da efetivação de projetos urbanos alinhados com uma visão particular (e destruidora) de modernização da cidade.

Percepções sobre um processo de transformação urbana

O intenso processo de transformações sociais, culturais e urbanas acontecidos em Florianópolis a partir da década de 1970 foi percebido por uma parcela de suas camadas letradas com certa nostalgia. Essa nostalgia que se traduziu na idealização de Florianópolis, pode ser vista como sintoma, na ótica de Mafesolli, de uma tentativa de encantamento da realidade, no esforço de torná-la mais intensa e bonita do que realmente é (MAFESOLLI, 2005). Nesse esforço, que transforma a solidez da pedra em carne, para utilizar uma metáfora cara a Sennett, recordações que evocavam desprazer ou tristeza adquiriram por meio de um processo semântico outros significados. “O que

fica, é o que significa”, lembra Bosi, que ressalta ainda que no processo de recriação de sentidos agem forças que selecionam, excluem e criam acontecimentos. Para Florianópolis, esse período de recriação de sentidos, esse tempo de encantamento do real iniciou-se na década de 1970 quando uma parte de seus moradores procurou interpretar a cidade que estava deixando de existir.

Percepções

Os conflitos socioculturais que acontecem em Florianópolis não poderiam ficar restritos à esfera local haja vista o alcance dos meios de comunicação: eles são assunto do noticiário de jornais com circulação nacional e estadual, e podem ser acessados na rede mundial de computadores. Mesmo que essas notícias tendam a exaltar o pitoresco das tensões socioculturais em Florianópolis, numa postura que Bourdieu qualificaria do “interesse do curioso pelos exotismos” (BORDIEU, 1996), ou que compartimentem de tal forma as informações levando na prática ao cometimento de erros de interpretação, o certo é que essas notícias são lidas e engendram posicionamentos diante dos conflitos acontecidos na cidade. Um exemplo de posicionamento pode ser vislumbrado nas preocupações de uma garota em processo de migração para Santa Catarina. Ela assim manifesta-se em um sítio de trocas de informações: “Quero morar com minha amiga de São José-SC, alguém pode responder? Alguém conhece a cidade de São José-SC? É boa pra morar e cursar faculdade? Quais os melhores e piores bairros? Vi no orkut comunidades do tipo "FORA HAOLE" e fiquei um pouco apreensiva... É serio tudo aquilo? Vou apanhar se chegar lá com meu sotaque de fora?”¹.

No que se refere a situações como essas, o instigante é perceber que nesses posicionamentos estão presentes apropriações de representações sobre conflitos acontecidos em Florianópolis que se constituíram em décadas passadas. No momento em que pessoas de comunidades do Orkut como, por exemplo, a Fora Haole Floripa, evocam a representação de uma cidade que estaria sendo invadida com o intuito de defender uma prerrogativa diante de novos moradores, eles acionam um imaginário que se constituiu na cidade na segunda metade do século XX. Apesar de muitas dessas opiniões serem veiculadas por jovens que certamente não vivenciaram as

¹ Retirado do espaço dedicado pelo sítio Yahoo para trocas de dúvidas entre seus usuários sobre os mais diferentes assuntos. O link para o acesso a essa fonte é: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20091118054128AADQ5Ui>.

transformações urbanas e demográficas acontecidas em Florianópolis, elas trazem consigo visões que se constituíram em outro momento da cidade, mas que reverberam no presente.

Migração e conflitos na cidade

A presença de novos moradores em Florianópolis levou a emergência de tensões socioculturais na cidade que podem ser acompanhadas em diversos registros impressos nos quais se manifesta a leitura de que a cidade estaria sendo invadida. Essa percepção pode estar relacionada com um imaginário constituído em uma longa duração tendo em conta que a porção geográfica onde se situa a capital catarinense desde muito tempo organizou-se como um lugar de cruzamento entre diferentes referenciais socioculturais. Ela fez parte de um território fronteiriço (com a coroa espanhola) e, ao tornar-se ponto de abastecimento para navios em passagem para o estuário do Prata, assistiu, por vezes de forma bastante violenta, o desembarcar em sua paragem navegantes de diversas monarquias². Durante a segunda metade do século XX, contudo, a percepção de que a cidade estaria sendo alvo de uma invasão aparentemente esteve associada com a chegada na cidade de expressivo número de novos moradores o que pode ser notado pelos seguintes dados numéricos:

Tabela I: número de residentes em Florianópolis e percentual de pessoas não nascidas em relação àquelas nascidas.

| | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 |
|---|-------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| População residente | 97.827 | 138.337 | 187.871 | 255.390 | 342.315 |
| Percentual de pessoas não nascidas em Florianópolis | 16.786 (17,2%) | 30.894 (22,3%) | 68.436 (36,4%) | 99.432 (38,9%) | 165.892 (48,5%) |
| Percentual de pessoas nascidas em Florianópolis. | 81.041 (82,8%) | 107.447 (77,7%) | 119.435 (63,6%) | 155.958 (61,1%) | 176.423 (51,5%) |

Fonte: dados censitários do IBGE.

As tensões socioculturais advindas da presença desses migrantes na cidade podem ser relacionadas, em uma primeira classificação, a dois tipos. Primeiramente,

² Conforme pode ser vislumbrado nos relatos dos viajantes que atracaram nessa região: *Ilha de Santa Catarina*. Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1990.

associadas com conflitos culturais ocasionados em um mesmo patamar social quando do encontro entre migrantes e antigos moradores portadores de poder aquisitivo semelhante os quais passam a disputar simbolicamente um espaço por meio, por exemplo, da ostentação de artigos de consumo. Uma segunda classificação desses conflitos refere-se com as tensões sociais entre diferentes segmentos econômicos, que podem ser identificadas em um discurso presente na cidade no qual os migrantes são responsabilizados pelo aumento da criminalidade.

A presença de migrantes com diferentes perfis levou uma parte dos antigos moradores de Florianópolis a discutir quais seriam os impactos desse movimento migratório. É possível identificar nas opiniões que se manifestaram a ocorrência de processos simbólicos de exclusão, integração e diferenciação cultural, que levaram ao surgimento de estereótipos para os migrantes e de representações sobre os florianopolitanos que funcionaram como fronteiras simbólicas. É possível identificar, por exemplo, que os migrantes advindos de grandes centros urbanos, nomeadamente, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, eram percebidos como arrogantes. Em um olhar apressado, essa percepção poderia ser confirmada por meio da leitura de manifestações de migrantes nas quais eles associam a cidade ao marasmo social (em contraste com as grandes cidades) e criticam seus moradores por demasiado provincianismo e por serem poucos afeitos a transformações culturais. Entretanto, uma leitura mais atenciosa dessas opiniões e norteadas pelas considerações de Simmel, pode-se interpretar que a percepção sobre a arrogância dos novos moradores estaria relacionada com o fato de que eles possuíam um ethos urbano, dado por sua trajetória nos grandes centros, caracterizada por uma vivência relacionada com uma ética capitalista mais desenvolvida o que, desse modo, contrastaria com uma forma de viver menos acostuada com o ritmo vital existente nas metrópoles (SIMMEL, 1973). Pelo menos, era assim que uma parte das camadas letradas da cidade representava o contraste: “não somos preguiçosos, somos contemplativos. Floripa é para viver, não para ganhar dinheiro” (MENEZES, 1993).

Por fim, o que se apreende a partir de entrevistas com novos e antigos moradores é que se aconteceu realmente uma invasão na cidade, como indica a percepção de alguns depoentes, esta teria se dado de forma paulatina. Uma parte dos migrantes, por exemplo, acusados de terem ocupado os postos de trabalho com maior reconhecimento

social na cidade, somente tiveram acesso a esses postos após sua aprovação em concursos públicos, especialmente a partir do final da década de 1980. Esses depoimentos apontam para outra forma de perceber as transformações urbanas e demográficas acontecidas na cidade: a de que a história da cidade hoje conhecida como Floripa não pode ser desvinculada da presença dos migrantes haja vista que eles não apenas acompanharam essas transformações, mas também foram responsáveis por muitas delas.

Fontes utilizadas:

ZERO. Florianópolis, out. 1993.

Bibliografia:

ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96. In: Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais: Brasil, 500 anos: mudanças e continuidades, 23 a 27 de outubro de 2000. Caxambu: ABEP, 2000.

BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrik Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Sobre a Teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996. p. 15 - 18.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os "nativos" e os "haoles" se encontram*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8.

MAFESOLLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

MERRICK, Thomas W. *A população da América Latina, 1930 – 1990*. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP 1997. V.6.

OLIVEIRA, Orlandina de. *O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina, 1930 – 1990*. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP 1997. V.6.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização* (Um estudo de Modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, [19-].

Ilha de Santa Catarina. Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1990.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otavio Guilherme. O fenômeno urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.